

COM A LITERATURA INFANTIL: CAMINHANDO COM AS MINHAS MEMÓRIAS

Carla Georgia Travassos Teixeira PINTO ¹

Recebido: 20/01/19
Aprovado: 22/02/2019

Resumo

Este artigo revela um amontoado de lembranças guardadas na memória de uma professora deficiente auditiva parcial, que de mãos dadas com seu pai, no silêncio, lutou arduamente, vencendo obstáculos e tornando-se professora. No entanto, a vida é uma estrada de mão dupla, no decorrer de sua vida profissional o destino ofereceu um maravilhoso presente, seis alunos surdos em sua sala de aula, obrigando-a abrir o baú de sua memória, rememorar as dificuldades que o deficiente auditivo enfrenta para aquisição da leitura e escrita. Esta resolveu então que não iria apenas ser mais uma pessoa na vida deles e acreditou no potencial da literatura infantil como instrumento facilitador no desenvolvimento da interpretação e compreensão textual. Desenvolveu uma experiência em três etapas: leitura de texto usando a Língua Brasileira de Sinais (libras), exposição em transparência e dramatização. Como apreciação avaliativa da dinâmica observou-se claramente a melhora significativa da compreensão textual ainda que com dificuldades gramaticais e sintáticas. A literatura infantil ofereceu a esses discentes com deficiência auditiva experienciar de forma concreta o texto, assim tornando real a compreensão e interpretação o que de outra forma, certamente, tornar-se-ia difícil e fatigante. Dentro desse contexto entendemos que a linguagem é um elemento crucial no desenvolvimento linguístico-cognitivo do sujeito e dessa forma torna-se de grande relevância no processo de aprendizagem que se reverbera como instrumento de exposição desta. Em sujeitos ouvintes a aprendizagem da linguagem escrita se dá através da linguagem oral, no entanto, no sujeito com deficiência auditiva, esse processo sofre um significativo atraso tanto na leitura como da escrita, já que ambos são produções consideradas abstratas para estes.

Palavras-Chaves: Literatura Infantil; Memória; Educação inclusiva; Família; Ensino regular.

WITH CHILDREN'S LITERATURE: WALKING WITH MY MEMORIES

Abstract

This article reveals a pile of memories stored in the memory of a partially hearing impaired teacher, in which she held hands with her father in the silence. Struggled hard, overcoming obstacles, and becoming a teacher. However, life is a two-way road, in the course of his professional life the fate offered a wonderful gift, six deaf students in his classroom, forcing him to open the chest of his memory, to recall the difficulties that the handicapped auditory acquisition for reading and writing. She decided that she would not only be one more person in their lives and believed in the potential of children's literature as a facilitator in the development of textual interpretation and understanding. He developed a three step experiment: Reading text using the Brazilian sign language (pounds) exposure in transparency and dramatization. As in the evaluative of the dynamics it was clearly observed the significant improvement of textual comprehension, which, with grammatical and syntactic difficulties. Children's literature has offered these hearing-impaired students concrete experience of the text, thus making comprehension and interpretation real, which would otherwise become difficult and fatiguing. Within this context we understand that language is a crucial element in the linguistic-cognitive development of the subject and in this way it becomes of great relevance in the learning process that reverberates as an instrument of exposure of this subject. In hearing subjects, the learning of written language occurs through oral language, however, in the hearing impaired subject, this process suffers a significant delay both in reading and writing, since both are considered abstract productions for them.

Keywords: Children's literature; Memory; Inclusive education; Family; Regular education.

¹ Mestranda do PPGCL /UNAMA, Belém, PA, carlageorgia24@yahoo.com.br

PINTO, Carla Georgia Travassos Teixeira. Com a literatura infantil: caminhando com as minhas memórias. In: *Revista Falas Breves*, no.6, março de 2019, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó – Breves, Breves-PA. ISSN 2358 1069

VISITANDO A MINHA MEMÓRIA

A primeira vez que desenrodilhei os enovelados de minhas lembranças, examinando minuciosamente o momento em que a educação inclusiva entrou em minha vida, posso afirmar que foi em 2016 quando recebi em minha sala de aula, que é o espaço de sala de leitura da Escola Municipal de Ensino Fundamental Gabriel Lage da Silva, em meio a alunos ouvintes, seis alunos surdos.

Neste momento, em que julguei ter encontrado o fio da meada de minhas memórias sobre o encontro com a surdez, perverso silêncio, recordei-me de que foi, em meados dos anos 70, em que eu e minha mãe descobrimos que eu era deficiente auditiva, ainda buscando forças para vencer a falta de meu pai que tinha falecido exatamente no dia 07/09/1977. Mudamos para a casa dos meus avós maternos, já que meu pai era o mantenedor da família e este não estava mais entre nós, na construção deste texto busco a análise do discurso segundo Amossy(2008):

Todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si. Para tanto, não é necessário que o locutor faça seu auto-retrato, detalhe suas qualidades nem mesmo que fale explicitamente de si. Seu estilo, suas competências linguísticas e enciclopédicas, suas crenças implícitas são suficientes para construir uma representação de sua pessoa. (AMOSSY, 2008, p. 9).

Meu pai um português falador, sempre muito trabalhador e não era de seu costume muitas demonstrações de carinho, mas em família vivemos inúmeros momentos de ternura e carinho construídos pelas suas narrativas e desta forma tive a oportunidade de conhecê-lo e ter um pouco de contato com a cultura portuguesa, entre uma observação, chamado, ensinamentos, principalmente os quais norteiam conduta moral, meu pai alimentou-me com exemplos de bravura, coragem e dignidade.

Talvez por ter sido única filha mulher, fiquei mais próxima dele e minha memória singulariza-se neste período como sendo o meu primeiro encontro com as narrativas. Benedito Nunes (1995), ressalta que a narrativa possui três planos:

O da história, do ponto de vista do conteúdo, o do discurso, do ponto de vista da forma de expressão, e o da narração, do ponto de vista do ato de narrar. É, sem dúvida, no plano da história que o tempo na obra literária é outro que não o real. (NUNES, 1995, p. 27).

Meu pai, um bravo homem que aos 14 anos de idade foi colocado em um navio na Europa para fugir do terror no qual o mundo se encontrava naquele momento, a 2º Guerra Mundial, munido com duas sacolas de pano feitas pela minha avó paterna, nas quais tinham quatro bisnagas de pão e outra com sete peças de roupas. Meu pai chegou ao Brasil mais precisamente no Ver-o-peso, um adolescente sozinho. E a partir de longas conversas com meu herói, pude ir unindo muitas histórias

aos retalhos das minhas histórias e assim fui recriando a minha própria história e por que não dizer minha memória.

Maurice Halbwachas (2006) ressalta que as lembranças elevam-se, através do jogo invisível de forças psicológicas inconscientes, enfatiza que a ação que se reverbera no ato de lembrar são formados por fatores externos a nós. E neste contexto o meio social ocorre como ato involuntário. Aproveitaríamos, neste sentido, vários estados, aos quais o autor identifica como intuições sensíveis, no momento em que muitas correntes sociais se cruzam e se chocam em nossa consciência.

As lembranças encontram-se espalhadas, alheias à nossa vontade, dispersas em vários ambientes nos quais transitamos e representam as forças que as tornam vivas. Halbwachs (2006), afirma que:

Não basta reconstruir a imagem de um acontecimento passado, pedaço por pedaço, para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstituição funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também nos dos outros, porque estão sempre passando para aqueles e vice-versa, o que será possível se somente tiverem feito e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo. (HALBWACHS, 2006, p. 39)

Desta forma, quando entraram em minha sala, “sala de leitura”, aqueles seis sujeitos surdos, foi como se um clarão acendesse a minha memória e me transportou aos anos setenta, quando desde pequena recorde de inúmeras reincidências de complicações em meu ouvido, ora no esquerdo, ora no direito e por vezes em ambos.

Todos os dias meu pai saía cedo para trabalhar, eu ainda dormia e este quando retornava para o almoço a notícia era dada “a Carla está com dor no ouvido”. Eis que este bravo homem se aproximava de meu leito e perguntava: está doendo muito?”. Eu respondia às vezes entre lágrimas “está doendo muito, papai”. Minha mãe conta que desde meu nascimento já cheguei a este mundo com complicações em meu ouvido.

Meu pai, um homem alto, branco, magro e calvo, falava com muita brandura: “vai passar, eu vou levar você ao médico”. Eu olhava para ele e meu coração se acalmava, sabia que este homem que usava uma linda capa de super-herói, tinha chegado e ia me salvar. Eu percebia, havia um encontro de olhares, algo que não sei dizer... Ou pelo menos não soube durante algum tempo.

Deste modo, desde o início de minha história sempre existiu a presença marcante de complicações no ouvido e por frases que minha mãe e minha avó materna proferiram “a Carla é mal ouvida, a gente chama e ela não responde”. Guardei esta frase em minha memória e lá ela adormeceu, nas areias do fundo do baú de minha história.

No final da década de setenta, meu pai faleceu, tinha apenas seis anos de idade, vivi um grande dilema, estudava em um grande colégio em Belém- PA. A notícia da morte de meu pai chegou ao

conhecimento daquela que era minha “professora”. Não sei bem explicar, mas esta senhora me tirou do lugar onde meu pai, quando ainda vivo, sempre solicitava que eu ocupasse, a cadeira da frente. E sempre era atendido, no entanto, com a sua morte, a respectiva educadora trocou-me de lugar, passei a sentar na última cadeira, da última fila, com a seguinte frase “você é uma menina mal educada, a gente fala e você não responde”. Esta foi a frase que mais falavam em minha infância.

Um dia, precisei ir ao banheiro e fui solicitar a permissão da respectiva educadora, eis que recebi um não como resposta e acrescido da frase: “agora tu sabes falar, quando te chamo finges que não ouves”. Voltei para o meu lugar, no final da sala de aula, contudo, sabemos que o corpo humano é repleto de necessidades fisiológicas e não consegui segurar por mais tempo, aquela vontade de ir ao banheiro. Era apenas uma criança e infelizmente quando o odor se espalhou pela sala de aula, a senhora professora chamou a inspetora para levar-me ao banheiro e assim prosseguir com a devida higiene.

Neste espaço de tempo, é chegada a hora do término da aula, minha mãe veio me buscar e não me encontrou em sala de aula, questionou a respectiva professora. Esta explicou o ocorrido reiterando a seguinte frase: “a Carla não fala, por isso eu não pensei que estivesse tão apertada”. Prosseguindo, a senhora inspetora me entregou a minha mãe e bastante aturdida pegou pelo meu braço e falou: Por que tu fazes isto, você não responde quando te chamamos?”. Respondi: Eu não ouço.”

Por um momento se estabeleceu um silêncio inaudível. Minha mãe olhou sério e perguntou: você está falando a verdade?”. Respondi: “Eu não ouço direito quando as pessoas falam comigo.”

Então, minha mãe segurou em minhas mãos e naquele momento assumiu a minha história e começou fazer parte ativa nesta narrativa. E neste prólogo remissivo que a partir da definição de Benedito Nunes (1995) “remissivo, porque se refere ao que sucedera antes, e antecipatório porque o que anuncia que isso vai ser contado” (NUNES, 1995, p. 29). Verifica-se que o tempo do discurso prevalece sobre o tempo da história e entendemos que a ordem não é regamente cronológica e que estas seguirão paralelas, manifestando-se por uma singular inversão.

Entre médicos, exames é chegado o momento de entender, podemos dizer até esclarecer, a perpétua desatenção, que por reiteradas vezes foi considerada por muitos como falta de educação. O meu laudo conclui sendo surdez severa no ouvido direito e surdez moderada no ouvido esquerdo.

Posso afirmar que minha infância é algo muito vivo em minha memória, creio que seja pela dor insuportável da ausência de meu grande herói aqui na terra.

Na tessitura dessa narrativa a “frequência” que, segundo Benedito Nunes (1995), “para Genette a capacidade do discurso do “reproduzir” os acontecimentos recorrentes” (NUNES, 1995, p. 36). Descrever a guerra contra o silêncio representa uma luta corpórea travada diariamente contra a famosa normalidade. Três cirurgias e nenhum sucesso, não podendo mais mudar o destino e sem PINTO, Carla Georgia Travassos Teixeira. Com a literatura infantil: caminhando com as minhas memórias. In: *Revista Falas Breves*, no.6, março de 2019, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó – Breves, Breves-PA. ISSN 2358 1069

recursos financeiros para qualquer tipo de aparelho auditivo, minha mãe ensinou-me a ser forte, não desistir e acima de tudo não demonstrar a ninguém a minha deficiência. Pois tinha receio da tão famosa e perversa discriminação.

NO SILÊNCIO EU FAÇO E REFAÇO

Na década de 90 consegui concluir o chamado segundo grau na Escola Estadual Paes de Carvalho, sempre sentando na primeira cadeira bem próximo dos professores, para assim poder compreender a beleza e o encantamento que o conhecimento desperta no homem.

Aprendi muito no silêncio, o que não compreendi fui buscar nos livros, o receio assombrava meus pensamentos na certeza da descoberta da minha deficiência – a consequente exclusão. Momentos que ficaram guardados em minha memória e fizeram crescer em mim o desejo de ser professora, não podia permitir que nada impedisse o meu sonho, precisava estudar, poder encantar os meus alunos com a suave melodia do desabrochar do conhecimento em cada ser. Meu desejo era desenhar o sublime elo entre o lúdico e o racional.

Sendo assim, busquei o curso de Licenciatura em Pedagogia (de 1992 a 1996) e ali reafirmei meu desejo, foram anos de estudos, aprendizados e muita paixão e a certeza que estava onde realmente desejava estar.

Em 1996, fui aprovada e nomeada em concurso público da P.M.B, momento que se tornou divisor de águas em minha vida. Assumi a coordenação pedagógica de uma grande escola municipal, tive a responsabilidade de auxiliar e conduzir o processo de aprendizagem de grande número de discentes, todavia, sempre em parceria com o corpo docente.

Porém, sentia que faltava algo, não estava completa e questionava: “o que está faltando?” Um belo dia do mês de julho do ano 2010, sonhei que era professora de literatura. Conteí a minha prima que retrucou dizendo: “Carla, faz o vestibular para Letras, você possui alma de professora”. Aquelas palavras foram fundamentais para entender o que faltava dentro de meu ser. No ano de 2011 fui aprovada para o curso de Letras da Universidade Federal do Pará (UFPA) e mergulhei no mundo da literatura e outros.

A partir desta experiência, revivi o gosto pela literatura e minha memória foi mais longe ao buscar os momentos em que meu pai, meu herói, narrava histórias de sua infância em Portugal, narrativas versadas em lutas heroicas, repletas de cor. Indo mais fundo ainda em minha memória pude, então, compreender o que meu pai dizia todas às vezes em que olhava e falava: “Está doendo? Mas vai passar!”

O prazer ressurgido despertou o desejo de comunicar com as pessoas, a partir das narrativas, singularizar possibilidades múltiplas de sonhos, transportar os discentes a revisitar lugares da memória e de suas emoções.

Em meu caminhar fui construindo meu “eu” como professora, descobri que é necessário ouvir muito, mas aprendi também que é necessário deixar-se conduzir e visitar lugares da memória e de suas emoções.

Estudei e aprendi que o contar histórias permite que entremos em um novo mundo, cheio de magia e descobertas, nos transformamos em heróis, princesas, lutamos contra os dragões e sempre vencemos o mal. Pois, como nos chama atenção Benedito Nunes (1995) “Independente dos marcos cronológicos, o eixo do tempo linguístico, que atravessa o discurso, garante a mobilidade do tempo interno” (NUNES, 1995, p.43). Desta forma, o ato de ler, contar histórias permite revisitar inúmeros lugares, imagens, memórias, reencontrar cores, cheiros, sentimentos e sensações adormecidos em nosso subconsciente.

Sempre acreditei que ensinar pela experiência representa contribuição que se reverbera pela utilização dos sentimentos e vivências a partir da observação do mundo e das pessoas, a fim de conduzir a verdade das histórias, transpassado pela minha experiência para o meu aluno.

Diante deste fato Benedito Nunes (1995) explica magistralmente que:

Seria errôneo entender a leitura, o ato de ler, como uma travessia puramente linear do texto. O percurso nas palavras, de linha a linha, não se limita a reproduzir, aditivamente, o enunciado das frases, dispostas em sequência. De frase a frase se opera uma síntese memorial, que retém os significados anteriores, e que, com base neles, propende aos seguintes. Uma reserva de “experiência conteudística e estilística” vai se acumulando à medida que se exerce, em cada nova frase, o mecanismo da experiência linguística³ (NUNES, 1995, p. 75)

Sendo assim, descobri que narrar histórias auxiliam na ampliação da coletânea de imagens internas do ser humano. Então, como professora decidi que naquele ambiente de leitura iria desenvolver com os meus alunos experiências vividas nas e pelas histórias, contos, fábulas, e assim quem sabe um dia, ou talvez não, esta experiência seguisse com eles, auxiliando-os, de alguma forma, em suas vidas.

SALA DE LEITURA LUGAR DE INCLUSÃO

A audição desempenha papel primordial no processo de desenvolvimento da linguagem, por conseguinte, o discente surdo possui atraso de aquisição e desenvolvimento de fala e linguagem oral. E quanto maior o grau de perda auditiva, maiores poderão ser os prejuízos para a aquisição da linguagem oral e do processo de aprendizagem. Importante avaliar dentro de um contexto maior o

grau de perda auditiva, a idade em que foi feito o diagnóstico e analisar o contexto familiar e social em que o sujeito está incluído e como se sucede o seu processo educacional.

Importante ressaltar que há maior dificuldade para o discente surdo tomar posse da linguagem escrita. Desta forma, enfatiza Buffa (2002), os sujeitos surdos possuem uma maior defasagem linguística no contexto da língua portuguesa (escrita e/ou escrita), em razão de sua perda auditiva, interferindo em todos os níveis: fonológico, semântico, morfossintático e pragmático. Soma-se a isso algumas dificuldades que os discentes surdos encontram no processo de aprendizagem da linguagem escrita: a difícil tarefa de se exprimir por escrito em língua portuguesa está descrita à dificuldade de compreensão dos textos lidos (conteúdo semântico). Alguns teóricos como Ruegg, Stefani e Carnio (1999), afirmam que a maioria dos discentes surdos apresentam impedimentos para a compreensão do texto escrito tendo como razão principal a ausência de domínio da linguagem oral, são impedidos da experimentação linguística apropriada durante o período de desenvolvimento da linguagem.

Refletir o mundo e a maneira como inventamos os espaços e a comunicação de modo a incluir todos os seres humanos, é o convite que nos faz a Convenção sobre os Direitos das pessoas com deficiência da ONU, que consolida a acessibilidade como princípio e direito humano fundamentais. Neste sentido, reconhecer a acessibilidade como conteúdo é forma de garantia de seus demais direitos humanos universais.

Sendo assim, o ato de ensinar não deve ser restrito em nenhum segmento, mas reconhecido em seu contexto e suas condições, almejando extinguir e não criar novos obstáculos. Considero oportuno falar que a educação dos surdos não fracassou, ela luta arduamente para alcançar resultados memoráveis e que se confronta com resultados previstos por mecanismos e relações de poderes e de saberes atuais.

À luz dos princípios teóricos acerca da inclusão e sendo professora deficiente auditiva parcial, senti na pele as dificuldades que o surdo possui para adquirir o domínio da leitura e escrita.

Importante ressaltar que em minha infância tive o privilégio de ter a melhor alfabetizadora que foi a minha mãe, esta não desistiu de mim em nenhum momento, me ensinou a lutar não permitindo que a deficiência me colocasse no plano inferior em relação aos ditos “normais” ouvintes. Instrumentalizou minha personalidade para esconder do mundo exterior a minha deficiência auditiva.

Neste contexto, quando recebi aqueles seis alunos surdos em meio aos alunos ouvintes, pensei: eu não posso e não quero apenas recebê-los em minha sala de aula, quero desenvolver um trabalho com eles, fazer parte da vida deles, desejo trabalhar da mesma forma como trabalho com alunos ouvintes, contando histórias, mergulhando em mundos diversos.

Minha primeira atitude foi pesquisar bibliografias infantis traduzidas para Língua Brasileira de Sinais (Libras). Para minha surpresa encontrei um restrito número, o que já configura um problema PINTO, Carla Georgia Travassos Teixeira. Com a literatura infantil: caminhando com as minhas memórias. In: *Revista Falas Breves*, no.6, março de 2019, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó – Breves, Breves-PA. ISSN 2358 1069

a exigir reflexão por parte das editoras. Escolhi o livro *Os Ecopiratas: uma aventura em Fernando de Noronha*, autor Berto Junqueira, da Editora Planeta (2011). O livro conta a história de dois primos que não se suportavam e que vão passar férias em Fernando de Noronha. Naturalmente o menino não gosta da prima porque ela é surda. A menina oferece um livreto com sinais de Libras. Ao final da história de mistério em Fernando de Noronha, será esse alfabeto que vai salvar o menino num submarino que está afundando. O livro aborda também a questão ambiental, na turma.

Para o desenvolvimento do trabalho, realizei a interação mediada pela respectiva obra utilizando a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e a leitura oral, usamos também auxílio da exposição em transparência e na sequência a dramatização que contou com o uso de materiais concretos para a caracterização dos personagens. Alunos surdos e ouvintes escolheram personagens ou utilizaram materiais concretos para a caracterização, e então, o respectivo texto foi interpretado e vivenciado de maneira prática por cada participante. O objetivo central era fazer com que os alunos ouvintes e surdos pudessem desfrutar de maneira concreta o texto proposto.

Formulei um questionário, com perguntas objetivas e interpretativas relacionadas ao texto acima citado. As perguntas objetivas as quais precisariam marcar apenas “C” ou “E” obtivemos resultado expressivo de acertos. Na categoria interpretativa solicitei que os alunos formulassem respostas.

Evidenciamos como retorno principalmente dos alunos surdos frases com palavras (substantivos e verbos) que me indicam a compreensão do texto, todavia, por causa da deficiência auditiva, a estrutura de suas frases possuem desvios sintáticos e gramaticais. O que me leva à certeza de que a utilização da Língua Brasileira de Sinais (Libras) associada com a dramatização forma um excelente par para aprimorar a compreensão de textos tanto para discentes surdos como ouvintes.

CONCLUSÃO

Hoje, sigo a vida lutando contra diversos tipos de preconceitos, aprendi recentemente que não preciso esconder minha deficiência. A minha memória é algo vivo em minha realidade e sou como uma borboleta e posso e vou fazer a diferença na vida de meus alunos.

Enquanto tiver um sopro de vida a sair dos meus pulmões e passar pelo meu coração vou lutar pela inclusão. Vou atrás de ouvidos generosos dispostos a ouvir e reconhecer a importância que possui a educação na vida daqueles que não conseguem ouvir o cântico dos pássaros, a melodia do barulho das gotas da chuva caindo no chão.

Vou retribuir com toda a gratidão que carrego em meu coração a oportunidade que a vida ofereceu a cada nascer do sol, contando história, pois acredito que estas libertam, criam asas e ajudam

PINTO, Carla Georgia Travassos Teixeira. Com a literatura infantil: caminhando com as minhas memórias. In: *Revista Falas Breves*, no.6, março de 2019, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó – Breves, Breves-PA. ISSN 2358 1069

a nos tornarmos pessoas melhores, mais humanas e nos mantêm acreditando no espetáculo partilhado por meio da palavra.

Quando narro histórias, olho para os meus alunos e percebo o quão bela é a vida, narrar histórias não se resume apenas em proferir palavras bonitas, contar histórias é ter ciência do valor do outro, é partilhar, é comunhão e, acima de tudo, é encontro de almas.

Quando decidi ser professora e em minha prática ser contadora de histórias ganhei muitos amigos e chego à conclusão que acreditar no potencial da literatura e das crianças é definitivamente crer que existe sempre uma nova chance, uma nova oportunidade e a esperança que tudo pode ser diferente, basta que acreditemos.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth. **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2008.

BUFFA, M. J. M. B. **A inclusão da criança deficiente auditiva no ensino regular: uma visão do professor de classe comum**. 2002. Dissertação (Mestrado em Ciências). Hospital de Reabilitação de Anomalias Craniofaciais, Universidade de São Paulo. Bauru, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Trad. Beatriz Sideau. São Paulo: Centauro, 2006.

NUNES, Benedito. **O tempo na narrativa**. 2. São Paulo: Ática, 1995.

RUEGG, D; STEFANI, F. M; CÁRNIO, M.S. Compreensão da leitura através de interpretação oral e/ ou sinalizada de surdos inseridos no contexto de educação especial. Pró-Fono: **Revista de Atualização Científica, Carapicuíba**, v.11, n.2, 1999, p. 31-37.

SEGRE, Cesare. **As estruturas e o tempo**. São Paulo, Perspectiva, 1996. p. 24-6.